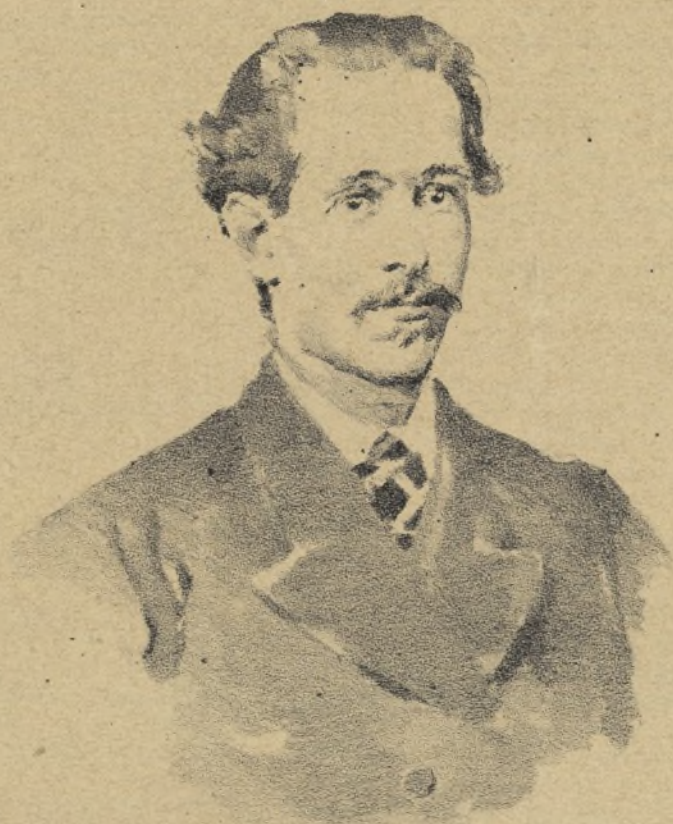


JOSÉ FONTANA



José Fontana era um rapaz sympathico e trabalhador a cuja subida intelligencia e prestante iniciativa as classes operarias muito ficaram devendo. Apaixonado ardente dos principios de associação, aquelle bello moço dedicou boa parte da sua vida laboriosa e do seu robusto talento na fundação das numerosas associações cujos agremiados acabam de prestar á memoria do seu bemfeitor uma singular homenagem de respeito e saudade n'essa imponente cerimonia a que a cidade adheriu, fazendo-se representar por bastantes milhares dos seus habitantes.

O *Antonio Maria* associa-se tambem a esse preito de gratidão, honrando as suas paginas com o retrato do benemerito cidadão.

NO PAIZ DO SYNDICATO



O capitão Castanet tem sido para o Porto uma verdadeira calamidade; introduziu novamente a moda dos balões, não para as senhoras, mas para os homens e meninos espigados. O assumpto de todas as conversas: Castanet; de todos os mexericos: Iva Ruth; de todas as lastimas: o melancolico jumento que expirou ha dias entre as franças dos pinheiraes de Espinho.

A passagem do capitão no Porto tem sido, pouco mais ou menos, um drama moderno, em tres actos, com um certo sabor tragico, á Zola. No primeiro acto, o entrecho foi heroico; um rapaz arrojado atirou-se por esses ares, para mostrar que nós tambem valemos para alguma coisa. No segundo — *great attraction!* — a transparente Iva Ruth, imitando, só n'isso, a sua collega pariziense na falta de carne, vestiu de barão, na *Filha do Tambor Mór* e foi dar comedia a mil metros de altura, onde fallou com os aereos personagens de Saturnino Farandoul. O terceiro acto teve, como já disse, um profundo sabor tragico. O diacho do Castanet, querendo dar ao ether uma grave lição politica, apresentou com um jumento a 2:600 metros acima das aguas barrentas do Douro! E hoje, pelas horas mortas da noite, as agulhas dos pinheiros da costa, cahindo sobre o estofo macio das areias, descrevem signaes cabalisticos, relatando passadas coisas funebres. E as ondas tenebrosas do mar irado enfurecem-se contra os rochedos e cachopos, como para arrancarem uma presa condemnada. E os habitantes dos tristes palheiros vêem, a deshoras, passarem e repassarem pela sombra densa dos pinhaes, vultos sinistros, dando gritos de cortar o coração ás creaturas mais empedernidas. O jumento por lá anda, impenitente, como um ministro da fazenda, não desfazendo nos outros collegas das outras pastas; zurrando os psalmos derradeiros das grandes victimas insepultas e invingadas.

D'estas peregrinações pela terra, que lhe foi *madrastra*, como diria o sr. Tomaz Ribeiro se tangesse ainda qualquer instrumento romantico, soube, um pouco tarde verdade é, mas é sempre tempo para as boas acções, o sr. visconde de Barros Lima, muito digno presidente da Sociedade Protectora dos Animaes. Na sua alma nobre fizeram echo as lamentações que o vento sul trazia pelos areaes da Granja, e communicou a diversos jornaes d'este bello *Paiz* os sentimentos generosos de que estava possuido para com o triste animal sacrificado nas aras do *progresso*. É d'elle a ideia seguinte: «a associação a que tenho a honra de presidir não podendo acreditar que o sr. Castanet, na ascensão que projectava levasse atado um burro ao seu balão, só teve a certeza de que esse acto de crueldade estúpida e injustificavel effectivamente seria realisado pouco tempo antes de se verificar a ascensão; que sem esta circumstancia a Sociedade Protectora haveria empregado todos os esforços perante a auctoridade superior do districto para evitar uma deshumanidade inutil e condemnada pela indignação manifesta de toda a gente civilisada...»

Quer dizer, resumindo, que se o sr. visconde tem mais cedo conhecimento de que o capitão Castanet levava um burro atado, elle iria ao governador civil do districto e teria pintado outro. O sr. visconde soube, e com elle a Sociedade Protectora, que nas ascensões anteriores tinham ido no balão diversos individuos da raça humana; que

esses individuos corriam risco de vida n'essas extraordinarias viagens aereas; mas o sr. visconde que tem o coração aberto ás *deshumanidades* para com os burros, tem-o fechado para as deshumanidades para com os homens. Eu nunca pude comprehender para que servia uma Sociedade Protectora de Animaes constituída no seio das nações civilisadas; mas agora o sr. visconde vem dizer ao publico, de que faço parte, que aquellas sociedades se organisaram para fazerem os necrologios dos burros mortos.

Mas do que eu tenho pena, muita pena, e n'isto acompanho ainda os sentimentos humanos do sr. visconde de Barros Lima, é que a Sociedade Protectora soubesse «pouco tempo antes de se verificar a ascensão» que o sr. Castanet levasse um burro atado ao seu balão porque, agora, embora o sr. visconde venha lastimar a perda do animal, depois do burro morto...



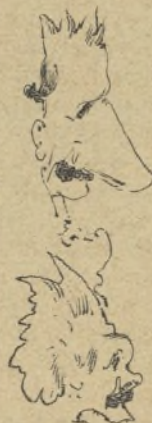
JOÃO BROA.

Fontes vae mexer na Carta,
Fontes vae mexer nos pares,
Fontes vae mexer na tropa,
Fontes mexe a terra e os ares!
Fontes, Fontes, mexerico,
Quem te deu tamanho bico?

Fontes vae reformar reino,
Fontes vae reformar guerra,
Fontes vae reformar tudo,
Mares, ventos, ceus e terra...
Fontes, Fontes, reformista
Quem te deu tamanha crista?

Fontes vae e Fontes mexe,
Acrescenta, cose, emenda,
Desvira, puxa, atamanca,
Alinhava, põe, remenda...
Fontes, Fontes trapalhão,
Quem te fez tão remendão?

Pões meias solas na Guerra,
Pões na Justiça tacões,
Pões na Marinha umas gaspias,
Pões tombas nas eleições;
Dás graxa na cabelleira
Puxas lustro no bigode...
Cada qual faz o que pôde,
Tu, Fontes, fazes asneira.



ZUPA.

SEMANA PARLAMENTAR

Dous notaveis domadores se apresentam agora ao publico lisbonense.

Seeth, no Colyseo, reduzindo á mansidão dos cachorros do Magrini os leões garbosos do deserto; — Fontes, na camara dos pares, reduzindo á suavidade rhetorica d'um accordo opportunistista, as apostrophes dos oradores facciosos.

Gradaria ferrea para os reis das selvas; filagrana de promessas para os magnates da politica...

Accordar pode ser synonymo de domar.

Vejamos Seeth: na jaula da sua *troupe* entra sereno, mas não confiado, finge caricias, mas occulta aggressões, e no desempenho do seu programma vae murmurando — se os bichos um dia percebem que podem dilacerar-me, aos rugidos com que me acolhem, juntarão a dentada com que me saboreiem.

Vejamos Fontes: na esphera dos partidos e na arena dos debates, não perde um olhar sequer dos que lhe rugem em torno, e quando os vê pleitearem rasões e applausos, que os distraiam da submissão que os envergonha, vae passando-lhes a mão por cima, e murmurando — se um dia descobrem que sou petisco, comem-me inteiro, com tozão e tudo.

É uma lei fatal.

Domador que ganha dinheiro e applausos nos circos populares, por metter a cabeça em fauces de assustadas feras, tem um dia a desdita de deixar, cá fóra applausos e dinheiro, e lá dentro o pescoço e a cabeça.

Ha, dizem os entendidos, movimentos precursores d'estas catastrophes: — é quando o animal agita, em ar de triumpho, a cauda encabellada e indiscreta. Em taes casos é fatal — o bicho apeteceu cabeça de homem com banha de cheiro, como nós ás vezes appetecemos cabeça de porco com feijão branco.

Ora, estas noções dos perigos da domesticação, servem para o estudo dos phenomenos extraordinarios da politica.

Ha dias já que o publico tem notado que os partidos domesticados rugiam de modo estranho, e que nas habilidades que faziam, pareciam atropellar-se por forma a provocar os instinctos e a escangalhar o artista que os apresenta e os dirige.

E o publico tinha vontade de dizer a meio dos exercicios: *basta, basta* — como quem receia um desastre irremediavel.

O sr. Fontes, porém, chegava, sereno e confiado na apparencia, abria aos partidos as fauces ameçadoras, introduzia n'ellas a cabeça, e logo a retirava, agitando no ar a varinha do poder.

Para variar o espectáculo, o sr. Fontes disse ao sr. Chagas, um dia, que fosse elle, que mettesse elle a cabeça, que não faziam mal aquelles bichos, que rugiam mas não mordiam, como quem diz — cão que ladra não morde —: que fosse, que até para elle Chagas, que ainda não estava habituado áquellas proesas, ia prestar-lhe um leão progressista de pequena juba, um pouco refilão, mas que no fundo votava, quero dizer, no fundo era manso.

E vae o sr. Chagas approximou-se e... zás — cabeça para dentro... uma cabeça perfeita, bonita, cheia de pópas e de talento!

Então é que o caso foi triste: o leão começou a bolir com a cauda, todo alegre, ás reviravoltas, para cá, para lá, parecendo mesmo dizer: — estás aqui, estás no bucho!

O sr. Chagas, coitado, que é homem muito lido, mal chegou com a luneta ás guellas do inimigo, entreteve-se a lêr o que lá havia por dentro, e que não podia deixar de ser algum programma engolido; mas a cauda andava n'uma roda viva, e tudo denunciava catastrophe séria.

A salvação do sr. Chagas foi começar a apregoar, ainda que com voz abafada, o que estava vendo.

O incidente terminou sem mais novidade, tendo porém a lição aproveitado tanto, que muita gente affirma que o sr. Chagas observára que, se o outro tinha a cauda, elle tivera o medo.

Ha tambem quem diga, que a fera não desejava hospede tão indiscreto na bibliotheca do seu estomago.

*
*
*

O segundo caso interessante da semana foi o discurso de um verdadeiro par — o Casal.

Este sim, envolve a idéa de *dous*, no nome e no merito, que, na estatura, se fica por um *quarto* dos que mais se indignam com as reformas, porque receiam que lhes ponham os quartos no andar da rua.



Na tribuna é um gigante, apesar de ser conhecido pelo *Anão das Chagas*. Na figura parece um cardeal, sufficientemente magro e sufficientemente imberbe, e na autoridade que usa e na attenção que desperta, parece um pontifice.

Lisboa foi ouvir o transfuga dos partidos liberaes, e, notando a decadencia do orador e do politico, se começou por vêr n'elle um papa, acaba decerto por vêr n'elle um sarchristão.

Ao serviço da igreja sempre, quer presidindo aos concilios, quer limpando as galhetas.

Politica e religiosamente fallando, Casal é isto; zoologicamente, porém, é rã coachando nos lagos estagnados das instituições. A cabeça larga, a bocca immensa, o pescoço ausente; tudo denuncia a rã, tudo!

Ah! mas elle ainda electriza, dizem os seus admiradores. Sem duvida, sem duvida; isso é das pernas...

JUSTUS.



BISMARCK DE CAPELLISTA



Se o chanceler da Allemanha pedir, como se diz a sua demissão de ministro, será este o unico Bismark do mundo! Que os oleiros o moldem em barro, para negocio das capellistas e realce dos presepes.

A TROMBETA DE JERICO



Ha cinco dias
Fallou na camara
O homem da tamara,
O grão Bazorra;
Fez aos contrarios
Curvar as fronte,
Deixou o Fontes
Desfeito em borra!

Fez-se amarello,
Côr de verdete,
Azul ferrete
E verde gaio!
Fallou de Alcoy
E Carthagena...
— Uma pequena
Teve um desmaio!

Deixou provado
À evidencia,
Por excellencia
No mundo inteiro,
Conservador
Ser elle só
Como o Cócó
E' conserveiro!

Que co' a reforma
Ninguém se illuda;
Que não lhe gruda
Esse commercio;
Com voz estridula
Fallou sem custo,
Citou o Augusto
Mais o Propercio!

Meduho quadro
Pintou em regra,
Com tinta negra,
Da de Nankim...
Tremeu a camara,
A galeria...
Tudo tremia
Como um puding!...

O Chancelleiros,
Branco de neve,
Temendo em breve
Vêr tudo em pó,
Disse: — «O discurso
D'este propheta
E' a trombeta
De Jericó!!!»

Como quem diz:
— «Bazorra é
O Josué,
Rei dos judeus;
E os Bazorrinhos
São, uniformes,
As doze enormes
Tribus de hebreus!»
.....

Chamar judeu
Ao grão Bazorra!...
Ora a pachorra
E' que lhe eu gabo...
— Pois se lh'o chama
A descoberto,
E' que decerto
Lhe viu o rabo...

PAN.

M. BORDALLO PINHEIRO

A SEMANA

Cheia como um ovo, esta deliciosa semana.

Cardeal de Richelieu, Rei de Lahore e Folies Bergeres!
Mas não abarquemos o ceu com as pernas e proceda-
mos por ordem.

O *Cardeal de Richelieu* não é simplesmente uma peça
de espectáculo; é a resurreição completa d'um fragmento
da corte de Luiz XIII.

O pincel de Manini, que transforma em poucas horas
alguns metros de grosseria nas mais finas tapeçarias de
Gobelins, e a tesoura de Carlos Cohen, que faz do mais
horrendo Quasimodo o mais donairoso mancebo, trans-
portaram para o palco de *D. Maria* quanto em guarda-
roupa e decorações havia de melhor nos tempos de Anna
de Austria!



As *toilettes* de Augusto Rosa são d'uma riqueza e d'um
gosto verdadeiramente deslumbrantes. Estamos certos de
que se o verdadeiro conde de Baradas se lembrasse de
resuscitar por algumas horas e de metter o nariz no
theatro de *D. Maria*, havia forçosamente de regressar á
eternidade com o queixo caído de quem tem a consciên-
cia da sua inferioridade!

O papel desempenhado por Virginia, bastante para dar
nome a quem o fizesse com tal primor, é comtudo rela-
tivamente insignificante para os recursos d'aquella extraor-
dinaria artista.



Augusto Antunes é um rei muito rasoavel; tão rasoav-
el que o sr. D. Luiz não duvidou applaudil-o e talvez
até que o Augusto Monarcha sentisse appetites de ser
Augusto Antunes...



Silva Pereira faz o papel d'um fidalgo ainda moço.
Aquelle rosto, coberto de rugas venerandas, ornamentado
assim com um bigodinho e uma perinha de azeviche, tem
o effeito disparatado d'um leão da Nubia a quem pozés-
sem um rabo de lagartixa...



Amelia da Silveira é o que verdadeiramente se chama
um lindo pagem; aconselhamos o *Cardeal* a que o trate
por diminutivo porque lhe assenta melhor:

— O' Francisquinho, dá cá a espada de cortiça com que
eu mattava a carriça na Rochella...

Brazão vem esplendido. A couraça de guerreiro, espe-
cialmente, é um trabalho admiravel; expelle mais scente-
lhas de luz de que o anel do senhor prior da Lapa...

Se o *homem de ferro* da procissão do corpo de Deus
tivesse uma farpella assim até mettia n'um chinello o se-
nhor Hintze Ribeiro com todas as suas condecorações...
E que pluma a do capacete, pae da vida! Parece uma
catatúa vista atravez d'um microscopio gigante. Aquillo
não é guerreiro, é uma *avis rara*...



O manto do *Cardeal de Richelieu* é producto do labor
de setecentos e cincoenta e tres milhões, novecentos e
vinte e quatro mil seiscentos e trinta e dois bichos de
seda, que tantos foram necessarios, para tecer aquelle
enorme magasin do Louvre desdobrado! Os phenomenos
crepusculares de que a sciencia ultimamente se tem occu-
pado não eram outra coisa senão os reflexos vermelhos do
manto do *Cardeal* quando se estava compondo no guarda-
roupa de *D. Maria*!



A sensação produzida no espirito dos espectadores pela
entrada de João Rosa é extraordinaria; na parte feminina,
sobretudo, revela-se d'uma maneira até por vezes incon-

veniente... Quando o distincto artista, por um descuido natural ou por uma garridice mais natural ainda, agita a fimbria do saiote cardinalicio, deixando ver o sapatinho e um palmo da meia de seda vermelha, a referida parte dos espectadores não pôde conter-se que não levante um borburinho confuso de movimentos irrequietos e de expressivos *han! hans!*...

N'uma d'essas occasiões, até ouvimos *alguem* que estava junto de nós cantarolar por entre dentes a conhecida trova popular:

«O' Mathilde levanta o braço,
O' Mathilde sacode a saia...»

O que vale ao João Rosa é vir todo vestido de purpura, desde as pontinhas dos dedos até ás pontinhas dos cabellos, o que até certo ponto disfarça em grande parte a vermelhedão que lhe sobe ao rosto...

De resto, João Rosa é uma segunda edição perfeitissima do grande ministro de Luiz XIII, ao ponto de que o sr. Fontes ao vel-o se morderia de inveja, se as gengivas de sua ex.^a não tivessem passado ha muito para o quadro da disponibilidade... Ainda assim, nunca fiando, o ministro

do rei Luiz I não quiz achar-se face a face com o ministro do rei Luiz XIII, e na noite do beneficio de João Rosa preferiu fazer o seu somninho normal a assistir á festa do theatro normal.

E ao enfiar-se na cama, quando pendurando a corôa de bicos na escapula do costume apertava em torno d'aquella cabeça que vale um reino o barretinho de algodão que lhe preserva do contacto da almofada os seus negros thesouros capilares, o sr. Fontes pensava com despeito mal contido:

— Deus do ceu! como fôra grato poder trocar este barretinho branco pelo barrete vermelho do João Rosa... Havia de assentar-me tão bem...

E assentava, com toda a certeza... O barrete na cabeça do grande homem era como uma pitada de canella em pó sobre uma travessa de arroz doce...

Com as suas disposições para a alta politica e um barrete vermelho dava um Richelieu de primeira ordem; com a sua habilidade para o cavaquinho e um barrete preto dava um fadistinha de alto lá com elle...

PAN.

THEATRO DE S. CARLOS

A PRIMEIRA REPRESENTAÇÃO DO «REI DE LAHORE»



FESTA ARTISTICA DE EMILIA ADELAIDE



É hoje, 3, que se realisa no theatro do Principe Real a festa d'aquella eminente atriz que ha meia duzia de annos cobriamos de applausos entusiasticos no delicioso personagem de *Morgadinha de Valfior* e de tantas outras creações sublimes, ainda hoje tão vivas na memoria de todos nós. Ha talentos que não morrem, a despeito da acção demolidora do tempo que tudo extingue, e Emilia Adelaide é necessariamente um d'esses seres privilegiados.

Ao astro brilhantissimo d'esse talento têm succedido outros igualmente formosos mas que, nem por isso, conseguiram offuscar-lhe os raios. O seu occaso ainda vem longe; e, perto que estivesse, seria como o sol, que mais nos encanta quanto mais do occaso se aproxima.